



DIÁSPORA, ESCRAVIDÃO E MATERNIDADE EM *AMADA* E *COMPAIXÃO*, DE TONI MORRISON

Danielle de Luna e Silva –UFPB

O objetivo deste artigo é investigar as relações dialéticas entre escravidão e maternidade presentes nos romances *Amada* e *Compaixão* (*A Mercy*) da escritora afro-americana Toni Morrison. Traçaremos um breve histórico da utilização ideológica da maternidade como argumento contra a escravidão. Também exploraremos as relações, muitas vezes contraditórias, entre a visão iluminista da maternidade e a instituição da escravidão, assim como a subversão de alguns desses conceitos a partir de experiências que vão contra a racionalização ocidental da maternidade.

Amada foi escrito em 1987 e sua autora foi agraciada com prêmio Nobel de Literatura em 1993. A obra é uma releitura de um episódio marcante da luta contra a escravidão nos Estados Unidos – a fuga de Margaret Garner da fazenda na qual era escrava. Ao ser capturada, Margaret, com o intuito de evitar um futuro de escravidão, corta a garganta de sua filha de três anos e tenta tirar, sem sucesso, a vida de seus outros três filhos. O episódio causou grande comoção nos Estados Unidos e, segundo Paul Gilroy, deu início a um discurso feminista americano contra os abusos e atrocidades causados pela escravidão.

Compaixão foi publicado em 2008, e retoma o tema da escravidão nos Estados Unidos. A ação se desenrola entre 1680 e 1690 e apresenta a formação de um país, repleto de conflito entre índios, negros e imigrantes. Assim como em *Amada*, a maternidade e o racismo são temas centrais da obra. Florens, a protagonista, foi oferecida pela mãe no lugar do bebê que ainda carregava no colo, em troca do perdão de parte de uma dívida que o seu senhor, um negociador de escravos português, havia contraído com Jacob Vaark, de origem holandesa. Florens cresce na ausência do amor materno e na constante lembrança de ter sido mandada embora por quem mais amava, nunca se recuperando plenamente do trauma de ter sido afastada da mãe.

Diáspora, Escravidão e Maternidade em *Amada*

Você tem sorte. Ainda lhe restam três [filhos]. Eu tive oito. Todos se afastaram de mim. Quatro levados, quatro caçados, todos, suponho, carregando o mal por onde quer que andem. – Baby Suggs esfregou as sobrancelhas. – Minha primeira filha. . . Tudo o que lembro dela é que adorava o lado queimado do pão. Pode imaginar uma coisa dessas? Oito filhos, e é tudo que me recordo.¹

¹ MORRISON, Toni. *Amada*. Tradução de Evelyn Kay Massaro. São Paulo: Best Seller, 1987.p.14



A fala acima é proferida por Baby Suggs, sogra de Sethe – protagonista de *Amada*. Além de perder todos os homens aos quais amou, Baby Suggs também sofreu a dor de ser separada de cada um de seus oito filhos. A ela, assim como as mulheres e homens negros da época, não foi permitido o estabelecimento de uma unidade familiar. A reificação do escravo, representada pela comparação a peças de um jogo de damas, foi levada ao extremo. As escravas negras eram avaliadas segundo o tempo de procriação que lhes restava. Por outro lado, os homens eram joguetes, movimentados de maneira a melhor atender às necessidades de seus senhores.

A desagregação familiar causada pela “experiência colonial” é tema recorrente em *Amada*. A separação da mãe África, assim como a separação entre mães e filhos, homens e mulheres negros na *plantation*, gerou a necessidade da criação de novas estratégias de sobrevivência. Famílias monoparentais, mantidas por mulheres eram grande maioria entre a população negra da época. No entanto, mesmo esses laços familiares eram frágeis, podendo ser rompidos e rearranjados a critério dos senhores de escravos. A dor e o sofrimento causados por tantas rupturas, tantas interrupções de vida – o que Paul Gilroy chama de terror inefável – são os sentimentos que alimentam Sethe, Paul D., Baby Suggs, e tantos outros personagens de *Amada*.

Em *Amada*, a maternidade, comumente descrita como uma experiência repleta de bênçãos e alegrias, é representada como uma experiência profundamente dolorosa. Gerar filhos e sabê-los fadados à escravidão, estar ciente de que uma separação pode ocorrer a qualquer momento e ver-se impossibilitada de dar aos filhos os cuidados maternos - tudo isso contribui para uma subversão do próprio conceito de maternidade. Isso é retratado no seguinte trecho de *Amada*:

Aninhada na dobra do braço de Paul D, Sethe lembrou de seu rosto quando lhe pedira para ter um filho seu. Embora tivesse rido, ficava assustada. Pensou rapidamente em como seria bom o sexo com essa intenção, mas acima de tudo continuava temerosa diante da idéia de ter outro bebê. Com medo de precisar ser boa, alerta, forte o bastante, de precisar amar daquele jeito de novo. Ter que continuar viva porque seria necessário. Oh, que Deus a livrasse disso. O amor maternal podia ser assassino.²

A comparação feita por Sethe entre maternidade e morte pode ser lida em vários aspectos. O tipo de amor maternal que as circunstâncias históricas descritas em *Amada* demandam poderia ser assassino ao consumir completamente a vida das mães, escravas, buscando proteger a vida de seus filhos e a própria vida. De forma mais literal, o amor maternal que Sethe nutria por seus filhos era tão desmedido que a levou a matar a filha de três anos e tentar tirar a vida de seus outros filhos. Da mesma forma, esse amor que a protagonista descreve, também pode matar os filhos, na medida em que os sufoca e os aprisiona, como é o caso da filha sobrevivente de Sethe, Denver.

² Idem .p.157



Por outro lado, a atitude subversiva e violenta de Margaret Garner, escrava que inspirou a protagonista Sethe, revelou para a sociedade da época a extensão do drama da violência contra a maternidade provocada pela escravidão. Apontou também para uma forma de resistência especificamente feminina, e com isso, deu subsídios para o aparecimento de um discurso abolicionista feminino. A experiência privada da escrava, recontada por Morrison, ilumina, segundo Homi Bhabha, o público, tornando possível que a memória desses atos de violência e de subversão permaneça viva, e seja contada como um ato político, talvez tão significativo quanto os fatos históricos.

Diáspora, Escravidão e Maternidade em Compaixão

Em *Compaixão*, Toni Morrison retoma muitas das questões abordadas em *Amada*: racismo, escravidão, violência, amor e maternidade. O pano de fundo é os Estados Unidos em 1680 e as relações de amor e ódio entre índios, negros, comerciantes, fazendeiros e imigrantes. Esse grande caldeirão multicultural, híbrido e heterogêneo permite que a autora volte a um dos temas centrais de *Amada* – amor e abandono – e amplie a gama de representações de vivências da maternidade a partir da introdução de várias personagens femininas de classes e etnias distintas.

A protagonista, Florens, nunca se recuperou de ter sido abandonada por sua mãe. O episódio ocorre quando um mercador holandês vai a fazenda de um comerciante de escravos português cobrar uma dívida. Impossibilitado de pagar o que deve, o senhor oferece a Jacob Vaark um de seus escravos. O mercador se ressentido pela oferta, afinal, não tem interesse em tráfico humano. Para contrariar o senhor D'Ortega, escolhe uma escrava que não havia sido oferecida a ele, por saber que D'Ortega não a venderia. Para surpresa de Jacob, a escrava lhe oferece a própria filha, Florens, com então oito anos de idade. Para agradar a esposa, que recentemente perdera a única filha que lhe restara, Jacob aceita levar Florens em troca do perdão de parte da dívida.

Florens cresce amparada pela índia Lina, mas não se recupera do abandono da mãe, fato inesquecível e irremediável, principalmente porque, no seu entendimento, sua mãe pediu que a levassem para que pudesse continuar cuidando do bebê que ainda trazia no colo.

Outro fato marcante do episódio de separação entre Florens e sua mãe, é que a menina não conseguiu entender as últimas palavras da mãe antes de ser arrancada da barra da sua saia. As palavras que talvez lhe trouxessem conforto ou entedimento não puderam ser compreendidas, e são reveladas ao leitor apenas nas últimas linhas da narrativa, mas nunca a Florens.



One chance, I thought. There is no protection but there is difference. You stood there in those shoes and the tall man laughed and said he would take me to close the debt. I knew Senhor would not allow it. I said you. Take you. Take you, my daughter. Because I saw the tall man see you as a human child, not pieces of eight. I knelt before him. Hoping for a miracle. He said yes.

It was not a miracle. Bestowed by God. It was a mercy. Offered by a human. I stayed on my knees. In the dust where my heart will remain each night and every day until you understand what I know and long to tell you: to be given dominion over another is a hard thing; to wrest dominion over another is a wrong thing; to give dominion of yourself to another is a wicked thing.

Oh Florens. My love. Hear a tua mãe.³

O vazio provocado pela ausência da mãe aliado ao desejo de ser amada são as forças que impulsionam Florens ao longo da narrativa. A sua carência e urgência em ser amada a levam a se envolver, na juventude, com um homem negro livre, que também a deseja, mas não a ama. Essa paixão faz com que ela arrisque a própria vida e se aventure fora da fazenda em que trabalhava.

Após ser abandonada pela segunda vez, dessa vez por esse homem, Florens se transforma – “the docile creature they knew had turned feral.”⁴. Assim como Florens, movida por um vazio que não será nunca preenchido, as outras personagens femininas de *Compaixão* encontram-se em situação de abandono, a mercê de um sistema patriarcal, racista e excludente.

Essas outras mulheres, escravas ou não, encontram-se acorrentadas a papéis pré-determinados, submetidas a todo tipo de humilhação e violência. A índia Lina é uma dessas mulheres, após ter testemunhado o extermínio de sua aldeia e é vendida como escrava, tendo que conciliar diariamente os seus hábitos, costumes e crenças com os de seus senhores. Ao conhecer Florens, então com oito anos de idade, estabelece uma relação afetiva muito próxima a de mãe e filha, porém a obsessão de Florens com o abandono da mãe e com a paixão adolescente impede que um vínculo afetivo consistente se estabeleça entre as duas mulheres.

Outra personagem, a senhora de Florens, Rebekka Vaark, vinda de Londres para casar-se com um homem a quem não conhecia, precisa contar com o trabalho escravo de Florens e da índia Linda para tocar a fazenda na ausência do marido, sujeitando-se a viver em condições extramamente adversas, trabalhando arduamente para cumprir todas as tarefas domésticas. Todos os filhos que conseguiu gerar morreram e, após a perda do marido, isola-se em luto e passa a praticar a intolerância racial vigente na época, quebrando um frágil elo formado entre as mulheres que habitavam a fazenda: Florens, Linda e Sorrow.

Os movimentos diáspóricos da experiência colonial representados em *Compaixão* impulsionam homens e mulheres, deslocando-os, separando-os, obrigando-os a constantes reconstruções e criações de estratégias de sobrevivência. Assim, como em *Amada* esses

³.MORRISON, Toni. *A Mercy*. New York: Vintage Books, 2009. P166-167

⁴ Idem. P.146



deslocamentos são determinantes nas configurações familiares e afetivas. Moldando, o que poderíamos chamar de maternidade do abandono, criando, assim, vazios impossíveis de serem preenchidos e vidas repletas de ausências e rupturas.

Maternidade e etnia : dois pesos e duas medidas

Concluiremos esse artigo com um breve cotejo entre as duas obras, no que diz respeito a representação da maternidade. Antes, porém, de partirmos para nossa análise, traçaremos um breve histórico das transformações do conceito de maternidade e suas utilizações ideológicas.

A relação entre mães e filhos passou por várias transformações através dos tempos, da mesma forma, a concepção do feminino. Percorremos um longo caminho: de uma visão centrada na corporeidade e sexualidade (pecaminosa) à santidade e abnegação da figura materna. Durante a Idade Média, a grande influência do pensamento cristão atribuía à mulher a culpa pelo pecado original. Ela era, portanto, algo que devia ser temido, a própria encarnação do mal. Por outro lado, com o surgimento do amor romântico, ressaltou-se o culto a figura da virgem Maria, a mulher passa a ser idealizada e torna-se sinônimo de pureza.

A idéia de pureza e de vocação para a maternidade passa a ser defendida de maneira férrea como aparato para uma mudança ainda maior. Com a chegada da Revolução Industrial, e a saída da mulher do sistema de produção (antes da chegada das fábricas, a mesma ocorria nas casas das famílias e todos os membros do núcleo familiar estavam envolvidos nesse processo), a mulher passa a representar exclusivamente o papel de mãe. Constrói-se, sutilmente, toda uma ideologia da importância da presença da mulher na educação de seus filhos. Os cuidados aos menores, antes relegados a uma ama, ou aos irmãos mais velhos, passam a ser de responsabilidade da mãe. A esse respeito, Cristina Stevens, em seu artigo *Por uma poética do nascimento*, escreve: “(...) muitos outros se dedicaram a essa ‘Cruzada’ para a construção da imagem da esposa/mãe virtuosa, numa articulação do reforço do culto mariano introduzido pelo cristianismo”⁵. Dentre eles, ela cita os nomes de Hegel, Kant, Schopenhauer e Emerson. Nesse contexto, as idéias iluministas reforçam o papel de educadora da mulher, ao mesmo tempo em que culpabilizam e intimidam aquelas que, por ventura, recusam-se a amamentar ou até mesmo a ter filhos.

Da maneira semelhante, em 1852, Martin Delany, considerado como o pai do nacionalismo negro na América, afirma que:

⁵ STEVENS, Cristina. Por uma poética do nascimento. In: Brandão, Izabel, Muzart Zahidé L.(Org.) Refazendo nós: ensaios sobre mulher e literatura. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.p.403



Nossas mulheres devem ser qualificadas porque serão as mães de nossos filhos. Como mães, são as primeiras amas e instrutoras das crianças; é delas que as crianças, conseqüentemente, obtêm suas primeiras impressões, que por serem sempre as mais duradouras, devem ser as mais corretas.⁶

Portanto, a ideologia que atribuía à mulher uma função reprodutiva e educadora, também estava fortemente presente no discurso antiabolicionista. É natural, portanto, que a maternidade fosse usada como argumento contra a instituição da escravidão, já que desviava a mulher de sua verdadeira função.

No entanto, na prática, as idéias iluministas pareciam servir apenas aos senhores, não aos seus escravos. Das mulheres brancas, esposas e filhas de donos de fazenda, esperava-se que casassem, constituíssem família e fossem boas mães, esposas e filhas. Eram criadas preparando-se para a maternidade e acreditando ser este o seu destino. Por outro lado, das escravas esperava-se que engravidassem o maior número de vezes possíveis, sem se importar se os filhos eram do mesmo pai, ou não. Após a gravidez, mães e filhos eram geralmente separados. A maternidade negra, nesse contexto, é vivenciada de maneira completamente oposta à visão iluminista. É uma maternidade vivida na distância e no abandono.

Por outro lado, como mencionado anteriormente, era a mulher negra a responsável, muitas vezes, pelos cuidados aos filhos de seus senhores. Ou seja, era impedida de olhar pelos seus, e obrigada a zelar pela prole alheia. O seu leite e os seus carinhos eram reservados aos filhos de seus senhores, não aos seus próprios.

Podemos afirmar, portanto, que mesmo imbuída de um contexto iluminista que pregava a beleza da maternidade e a função educadora da mulher, a maternidade negra estabeleceu outros parâmetros para a experiência de ser mãe. De algo a ser almejado e cultuado, tornou-se algo sofrido, e muitas vezes indesejado. Os muitos episódios de separação e violência determinaram essa nova vivência, reflexo tanto da diáspora, quanto da escravidão. Assim, a maternidade negra muitas vezes foi sinônimo de morte, e não de vida.

Considerações Finais

Retomando as considerações feitas anteriormente acerca da idealização da maternidade, podemos afirmar que tanto *Amada*, quanto *Compaixão* retratam uma vivência da maternidade que em muito difere a propagada pelo iluminismo e pelo cristianismo. O papel de educadora e mãe virtuosa é restrito a apenas um pequeno grupo de mulheres brancas, de classe social elevado. Às

⁶ GILROY, Paul. O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência. São Paulo: Editora 34, 2001. p.77



mulheres negras representadas em ambas as narrativas cabe o papel de reprodutora e serviçal. São meros corpos a disposição de seus senhores, sujeitas a todo tipo de humilhação. Tanto Sethe, em *Amada*, quanto Florens, são vítimas da maternidade vivida na perda e no abandono. Poderíamos, inclusive, afirmar que as duas narrativas se complementam, já que em *Amada*, o foco narrativo recai sobre o sofrimento da mãe, Sethe, enquanto que em *Compaixão* temos a retrato do abandono vivenciado pela filha, Florens.

A presença dos deslocamentos e da diáspora, que determinam cabalmente as relações e as trajetórias de todos os personagens, é outro ponto em comum entre as duas narrativas. No entanto, os efeitos da diáspora e dos deslocamentos são ainda mais pungentes em *Compaixão*, que retrata, no último capítulo a saída da mãe de Florens da África. Como os senhores que a trouxeram são portugueses, Florens e sua mãe se comunicavam em português, e durante toda a narrativa Florens se refere a ela em português – *minha mãe*.

Compaixão também apresenta uma escopo maior de vivências da maternidade e das experiências de mulheres de várias etnias, classes sociais, religiões. Se para Rebekka, senhora da propriedade na qual Florens era escrava, a maternidade foi uma experiência de sofrimento devido a morte de todos os seus filhos, para Florens e sua mãe, escravas, a maternidade foi uma experiência de perda e abandono, assim como em *Amada*, cabalmente condicionada pela escravidão.

As personagens femininas em *Compaixão* se encontram aprisionadas por um sistema que oferecia pouca ou nenhuma possibilidade de liberdade. Por algum espaço de tempo na narrativa, elas trabalhavam cooperando entre si e cuidando umas das outras. Porém, quando uma tragédia se abate sobre a propriedade de Jacob e Rebekka Vaark, as divisões impostas pelo racismo voltam a imperar. A cooperação entre mulheres brancas, índias e negras se dissolve, e o que resta a cada uma é permanecer isolada em seu mundo interior, inacessível a quem quer que seja.

Apesar desse isolamento e da impossibilidade de compartilhar tudo o que viveu e aprendeu, fica evidente que Florens, a dura penas, aprende a lição que sua mãe quis, mas não teve tempo de lhe ensinar.

See? You are correct. A minha mãe too. I am become wilderness but I am also Florens. In full. Unforgiven. Unforgiving. No ruth, my love. None. Hear me? Slave. Free. I last.⁷

Referências Bibliográficas

GILROY, Paul. O Atlântico Negro: modernidade e dupla consciência. São Paulo: Editora 34, 2001.

⁷ MORRISON, Toni. A Mercy. New York: Vintage Books, 2009. p.161



MORRISON, Toni. *Amada*. Tradução de Evelyn Kay Massaro. São Paulo: Best Seller, 1987.

_____. *A Mercy*. New York: Vintage Books, 2009.

STEVENS, Cristina. Por uma poética do nascimento. In: Brandão, Izabel, Muzart Zahidé L.(Org.) *Refazendo nós: ensaios sobre mulher e literatura*. Florianópolis: Ed. Mulheres; Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2003.